

Chagas fala de tudo menos dos executores de Evo

O Jornal
21/10/68 p. 27

Autoridades "fintaram" os jornalistas em Marrocos

Rogério Rodrigues

Alexandre Chagas, o principal suspeito de estar envolvido no sequestro e assassinio de Evo Fernandes, ex-dirigente da Renamo em Lisboa, está há cinco dias a ser ouvido pelos investigadores da DCCB, após ser apresentado ao juiz de instrução criminal, tendo até este momento recebido uma única visita, a do seu pai, segundo soube «O Jornal».

Alexandre Chagas e Joaquim Messias cruzaram-se, na passada sexta-feira, de manhã, no aeroporto de Casablanca, com os jornalistas que iam fazer a cobertura da visita a Marrocos do primeiro-ministro, Cavaco Silva. Estes estiveram durante 45 minutos retidos numa sala do aeroporto — enquanto os dois extraditados embarcavam, acompanhados pelo director da Interpol, dr. Paulo Bernardino e quatro agentes da DCCB — sob o pretexto de que se tinham atrasado os funcionários governamentais marroquinos encarregados de receber a delegação dos jornalistas portugueses.

Segundo fonte governamental, tinham sido dado ordens aos funcionários da Embaixada portuguesa em Marrocos (embaixador incluído) para manterem no máximo

sigilo as diligências que estavam a ser feitas há mais de uma semana, com a presença do director da Interpol em Rabat, com vista à extradição antes da chegada de Cavaco Silva a Marrocos. Inicialmente as autoridades marroquinas terão criado algumas dificuldades para a extradição.

Alexandre Chagas ter-lhes-á conseguido «vender» uma série de teses sobre os acontecimentos, que provocaram o interesse dos marroquinos.

Segundo «O Jornal» conseguiu apurar, as autoridades portuguesas, por motivo de segurança, chegaram a levantar a hipótese de os extraditados seguirem da carro para Lisboa.

Por outro lado, segundo uma fonte governamental, a notícia do «Expresso» do passado sábado, terá criado alguns engulhos, pois tudo fora feito no maior sigilo. Ainda segundo a mesma fonte, teria já sido detectada a fuga, localizável no MNE.

Segundo as nossas fontes, o processo da morte de Evo Fernandes e da descoberta de Chagas e Messias, homiziados em Marrocos, deveu-se exclusivamente ao trabalho da DCCB, sem a intervenção, como inicialmente foi noticiado, da DINFO ou do Serviço de Informações.

Agora, a ser interrogado na Avenida José Malhoa, Ale-



Evo Fernandes
Assassinado pela «secreta» moçambicana?

xandre Chagas estará a falar com abundância sem, contudo, avançar muito no que respeita aos executores de Evo Fernandes. Notícias recentes incriminam a SNASP, serviços secretos moçambicanos, na operação que levou à morte do ex-dirigente da Renamo, que já tivera problemas com a polícia portuguesa e cuja viatura tinha sido já destruída por uma bomba. Informações já por nós veiculadas adiantaram que duas embaixadas de Moçambique, em Paris e Lisboa, terão estado também envolvidas no assassinio de Evo Fernandes, aparecendo mesmo, como um dos elementos mais activos nesta operação, um adido de relações com a Imprensa da embaixada de Moçambique em Lisboa, que já está ausente do nosso país.

A história de Chagas

Alexandre Chagas já não era um nome desconhecido da Polícia portuguesa. Aparece referenciado numa monumental burla de urânio, de que a conceituada revista alemã «Stern» se tinha feito eco. Ou seja, urânio roubado de uma central nuclear alemã, estaria a ser vendido em Lisboa. Alexandre Chagas teria uma barra que pretendeu vender por um milhão de dólares. Ignora-se se o urânio era falso ou verdadeiro.

Segundo soubemos, Alexandre Chagas, antes de ir residir para Moçambique foi vendedor de peixe e esteve empregado em Setúbal no ramo da metalo-mecânica. De regresso de uma viagem a Moçambique, a última antes do sequestro de Evo Fernan-



Chagas e Messias
Muita parra e pouca uva

des, trouxe consigo uma soma considerável de randes, que, de imediato, depositou num banco da capital.

Nos seus contactos com Evo Fernandes, Pinto da Costa e Joaquim Messias faziam figura menor, sendo considerados personagens secundárias em todas a história. Nos jantares havidos com Evo, os dois comparsas iam comer a outro restaurante, sendo os contactos apenas entre Chagas e Evo. Ivette, a segunda mulher de Evo Fernandes, estava a par das negociações entabuladas, a ponto de declarar, entre os seus círculos mais próximos, que ainda um dia viria ser a «Primeira Dama» de Moçambique. Esta aparente pro-sápia partia da esperança de que, das conversações com elementos da Frelimo, sur-

gisse uma plataforma de entendimento com elementos da Renamo que fossem amnistiados e reintegrados na sociedade moçambicana.

As armas do crime

As armas utilizadas para a morte de Evo Fernandes, pistolas 6,35 mm. compradas em Lisboa, como «O Jornal» noticiou em primeira mão, não são as vulgarmente utilizadas por profissionais. Por outro lado, segundo o relatório do Instituto de Medicina Legal, Evo Fernandes não ingeriu nenhum barbitúrico, qualquer outro sedativo ou medicamento tipo «soro da verdade». A autópsia demonstrou, também, que não foi sujeito a qualquer espécie de sevícia física, ficando esclarecido que, se falou, não foi sob o efeito da tortura ou dos medicamentos.

O ministro da Justiça, Fernando Nogueira, está a ser pormenorizadamente informado do decorrer das investigações segundo nos foi revelado por fontes próximas do Governo.

Finalmente, ainda segundo soubemos, não é muito provável que o assunto de Evo Fernandes venha a ser abordado durante a visita de Cavaco Silva a Moçambique, muito embora as investigações apontem no sentido de, pelo menos um ministro moçambicano, que não Jacinto Veloso, ter tido conhecimento antecipado dos contornos da operação que vitimaram um dos homens de confiança de Jorge Jardim.